



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

2º ciclo do 2º bimestre da 2ª série

Eixo bimestral: **CONTO E ROMANCE NO REALISMO E NATURALISMO /
ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Leandro N. Cristino

Conteudistas

Simone Lopes

Vanessa Brito

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- **Relacionar a literatura realista/naturalista ao contexto sócio-histórico.**
- **Identificar as principais tendências do Naturalismo (positivismo, determinismo e cientificismo).**
- **Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social da época.**
- Caracterizar os processos de descrição objetiva e subjetiva, diferenciando-as.
- **Diferenciar tese, argumentos e contra-argumentos para a estruturação e defesa do ponto de vista.**

USO DA LÍNGUA

- **Reconhecer os recursos linguísticos de escolha vocabular e citação de fontes como tipos de argumentos, para artigo científico.**
- **Reconhecer a carga semântica de afetividade, de crítica ou de ironia no emprego de verbos e adjetivos.**
- Reconhecer os termos integrantes da oração.
- Identificar mecanismos linguísticos no uso da regência e da crase.
- **Identificar o papel argumentativo dos conectores discursivos.**
- Identificar e empregar mecanismos de coesão referencial e sequencial.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Produzir um artigo de divulgação científica, pautando-se nos conhecimentos adquiridos.**
- Elaborar texto dissertativo sobre os textos literários estudados, considerando a influência que sofreram das teorias raciais pseudocientíficas do século XIX.

COMO ENSINAR?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

O REAL PELA ÓTICA NATURALISTA

Neste ciclo, dando prosseguimento ao estudo do ciclo antirromântico, será abordado o Naturalismo. Trata-se de uma manifestação que mantém a visão objetiva da realidade iniciada no Realismo, porém, com a peculiaridade de se pautar pela orientação da ciência. Assim, o real ganha contornos científicos e os romances passam a ser encarados como um espaço privilegiado para a análise da sociedade. O Naturalismo pode ser entendido como um segmento específico da prosa realista.

Eixo Leitura

- *Relacionar a literatura realista/naturalista ao contexto sócio-histórico.*
- *Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social da época.*
- *Identificar as principais tendências do Naturalismo (positivismo, determinismo e cientificismo).*

Eixo Uso da Língua

- *Reconhecer a carga semântica de afetividade, de crítica ou de ironia no emprego de verbos e adjetivos.*

PASSO 1: O NATURALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Para iniciar a abordagem do Naturalismo, é importante que a turma retome as características do contexto histórico do ciclo antirromântico, sobretudo o aparecimento das correntes científicas que nortearam a produção literária dos escritores naturalistas. Para isso, o professor pode usar o quadro-negro e anotar as contribuições dos alunos.

POSITIVISMO	AUGUSTE COMTE	SOMENTE O CONHECIMENTO CIENTÍFICO É VÁLIDO.
DETERMINISMO	HIPPOLYTE TAINÉ	AÇÕES HUMANAS TOTALMENTE CONDICIONADAS PELO MEIO, PELA RAÇA E PELO TEMPO.
DARWINISMO	CHARLES DARWIN	RELEITURA SOCIAL DAS TEORIAS EVOLUCIONISTAS DE DARWIN E LAMARCK: SÓ OS MAIS FORTES SOBREVIVEM EM SOCIEDADE.

A partir desse quadro, o professor pode levá-los a refletir sobre atualidade dessas teorias, que ainda conseguem interferir em nossos comportamentos. Alguns pontos a serem levantados e discutidos:

1. O determinismo e o preconceito racial/social.

É de fato determinante para nosso caráter o local onde nascemos? Somos meros brinquedos nas mãos do destino ou temos vontade e índole próprios?

2. A desvalorização da sabedoria popular (“crendices”).

Por que somente o conhecimento científico é válido e a sabedoria popular é deixada de lado? Quanto de verdade é transmitido por meio dos ditados

populares, por exemplo? Quem nunca seguiu os conselhos sem teor científico de uma avó ou da mãe?

3. “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”: cidadão totalmente responsável pelo seu êxito ou fracasso, isenção do Estado.

Seriam o indivíduo e seu esforço os únicos responsáveis por uma vida de sucesso? Não caberia ao Estado permitir que todos tivessem igualdade de oportunidades para que, a partir daí, o esforço pessoal fizesse a diferença?

Na sequência, com o objetivo de ampliar a discussão sobre a influência do meio na constituição do caráter dos indivíduos, vale a pena explorar a relação entre o Naturalismo e o filme “Cidade de Deus”¹, de 2002.

Nesse filme de Fernando Meireles, os alunos poderão perceber a influência que a favela exerce em seus habitantes a partir da trajetória do menino Buscapé, que parece não ter forças para fugir de seu destino: a bandidagem. No entanto, contrariando as tendências naturalistas, ele consegue driblar as adversidades e, graças à paixão pela fotografia, tornar-se um homem de bem. Seria importante também mostrar que o nascimento e o crescimento da favela, nos anos 60, são paralelos aos de seus moradores, evidenciando ainda mais a relação meio-homem-caráter.

O professor deve instigar os alunos a pensarem sobre o surgimento das favelas: qual seria a motivação para que um grupo de pessoas optasse por viver em condições tão precárias? Seria, de fato, uma questão de escolha? Certamente, os alunos terão bastantes contribuições, tornando bastante rica a discussão. Para fomentá-la ainda mais e, já se preparando para a análise do próprio romance, o professor pode falar sobre o cortiço, o precursor das favelas.

¹ Trailer disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=v18DdjLT3gY>.

Vale destacar que o trailer contém termos do calão, impróprios para a sala de aula sem uma contextualização para os alunos.

O trabalho pode iniciar com a apresentação de imagens de cortiços, e prosseguir para a apresentação de vídeos que explicitem ainda mais a clara relação entre favelas do nosso século e os cortiços do século XIX.

Neste vídeo², por exemplo, os conhecerão o primeiro cortiço brasileiro, que ainda resiste desde o século XIX. Mesmo repleta de problemas, a moradia mantém a arquitetura original e serve de moradia a muitas famílias, que já não têm o mesmo perfil retratado por Aluísio de Azevedo. As imagens permitem refletir sobre a nova configuração da população de baixa renda, que atualmente são parte ativa de uma sociedade de consumo.

Após essa etapa de imersão no universo naturalista, assistir a uma vídeo-aula³ sobre esse estilo de época pode ser muito útil, uma vez que nele todas as questões discutidas até agora estarão organizadas dentro da lógica do século XIX, e o trabalho feito até então propunha a relação deste século com o nosso. Assim, para finalizar esse processo, e antes de partirmos para a leitura de trechos do romance, o professor pode construir em conjunto com a turma, baseados em suas discussões e nos vídeos a que assistiram, um painel de características naturalistas, que deve ser registrado nos cadernos.

CARACTERÍSTICAS NATURALISTAS

1. ROMANCES DE TESE: ROMANCES ESCRITOS PARA COMPROVAR TEORIAS CIENTÍFICAS SOBRE O COMPORTAMENTO HUMANO.

2. CIENTIFICISMO: LITERATURA A SERVIÇO DA CIÊNCIA.

² Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Q9poPByO97o>

³ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=d8yM1QJwvMk>

3. IMPARCIALIDADE: AFASTAMENTO DO AUTOR (CIENTISTA-USO DA 3ª PESSOA)

4. TENDÊNCIA UNIVERSALIZANTE: PREFERÊNCIA PELOS GRANDES CONGLOMERADOS URBANOS

5. PERSONAGENS: TIPOS MARGINALIZADOS DE CLASSE SOCIAL BAIXA.

6. ADESÃO AO DETERMINISMO: LEIS NATURAIS INFLUENCIAM OS INDIVÍDUOS (DRAMAS BIOLÓGICOS OU PSICOLÓGICOS MOTIVADOS PELO MEIO)

7. ANIMALIZAÇÃO DO HOMEM (ZOOMORFIZAÇÃO): HOMEM AGE POR INSTINTO

8. MINÚCIA DESCRITIVA: DETALHES (COMO OS CIENTISTAS) E APELO AOS 5 SENTIDOS (SINESTESIA)

9. LINGUAGEM: TÉCNICA, OBJETIVA, VULGAR.

PRINCIPAIS AUTORES E OBRAS NATURALISTAS	
Aluísio de Azevedo	“O mulato” (1881), “Casa de pensão” (1884), “O cortiço” (1890).
Inglês de Souza	“O missionário” (1891)
Adolfo Caminha	“A normalista” (1892) e “O bom crioulo” (1895)

Vale ressaltar que essa etapa deve anteceder a análise do romance, pois assim é possível direcionar a leitura para a percepção dessas nuances. No passo seguinte, examinaremos aquela que é considerada a maior obra do Naturalismo brasileiro: “O cortiço”, 1890, de Aluísio de Azevedo.

PASSO 2: “O CORTIÇO” - A LINGUAGEM E AS CARACTERÍSTICAS DO NATURALISMO

Se Machado de Assis é o grande representante do Realismo brasileiro, no Naturalismo, esse papel cabe a Aluísio Azevedo, autor da obra a que nos dedicaremos examinar nessa etapa: “O cortiço”. Já tendo compreendido o contexto e os traços naturalistas, será fácil para a turma identificá-los nessa obra-prima, que reúne todos os elementos constituintes de uma romance de tese.

ROMANCE DE TESE: narrativa ficcional escrita com o objetivo de comprovar ideias a respeito dos comportamentos humanos. Segundo os naturalistas, as pessoas agem influenciadas tão somente pelo ambiente em que vivem, de forma irracional e animalésca, guiados por instintos e heranças biológicas ou psíquicas. Então, esses autores criam histórias para comprovar essas teses e, para isso, ocupam-se de retratar grupos humanos marginalizados. A obra “O cortiço” pode ser considerada a manifestação literária mais completa da prosa naturalista, uma vez que contempla todos os seus elementos.

Apesar de sua genialidade e versatilidade, – tendo sido caricaturista, romancista, cronista e autor de peças teatrais –, Aluísio Azevedo não é um autor venerado como Machado de Assis. Prova disso é que em janeiro de 2013 comemorou-se o centenário⁴ de sua morte, fato que não mereceu destaque na mídia e nem mesmo nas escolas. Segundo a crítica, sua obra não apresenta um padrão regular de qualidade, embora sua contribuição ao Naturalismo seja inegável.

Então, a fim de valorizar essa figura importante de nossa Literatura e contribuir para a ampliação do repertório cultural de nossos alunos, o professor pode levar para a sala de aula os principais romances de Aluísio Azevedo, já citados anteriormente, e apresentá-los brevemente para a turma. Se julgar necessário, pode solicitar que se dividam em grupos e façam uma pesquisa mais ampla sobre a vida e a obra dele.

Uma boa estratégia seria solicitar aos alunos a leitura integral de “O cortiço” em função de sua representatividade para o estilo e seu elevado valor estético. Por esse motivo, essa obra é abordada tanto nas Orientações Pedagógicas quanto no Roteiro de Atividades deste ciclo. Para concretizar esse objetivo, duas estratégias são importantes.

¹⁴ Reportagem disponível em <http://www.alagoinhashoje.com.br/morto-ha-cem-anos-autor-de-o-cortico-ainda-instiga/>

- Vídeo⁵ explicativo sobre a obra

Esse vídeo, de curta duração e com linguagem bastante simples, ressalta aspectos importantes do romance de Aluísio Azevedo, o que pode tornar a leitura do livro mais fácil e atrativa.

- Leitura dirigida

Ainda que a leitura dos romances seja uma tarefa de responsabilidade da turma, cabe ao professor instigá-los a gostar do livro e a entendê-lo. Por isso, ler trechos em sala, em conjunto com a turma, esclarecer pontos de conflito, evidenciar características naturalistas etc. são passos que compõem uma estratégia bastante eficaz. Abaixo, sugerimos alguns trechos e os comentários pertinentes, sempre levando em conta os descritores propostos pelo Currículo Mínimo para este ciclo.

“O cortiço”⁶, de Aluísio de Azevedo – Leitura dirigida

Considerado a obra máxima do Naturalismo brasileiro, “O cortiço” narra a história de ascensão social econômica de João Romão, conquistada através de golpes e da exploração de alguns personagens. Tendo o meio como o deflagrador de comportamentos reprováveis socialmente, essa história nos mostra a deturpação do caráter de seres humanos por meio de uma linguagem que se pretende científica, explorando elementos biológicos para descrever os personagens e suas ações.

A obra é narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente. O tempo é trabalhado de modo linear, e a história se passa no Brasil, durante o século XIX, sem data precisa. Na narrativa, dois ambientes antagonônicos são explorados: cortiço e o sobrado do comerciante Miranda e sua família.

⁵ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=0APIwMN3xPc>

⁶ Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf>

Texto 1

Era João Romão quem lhes fornecia tudo, tudo, até dinheiro adiantado, quando algum precisava. Por ali não se encontrava jornaleiro, cujo ordenado não fosse inteirinho parar às mãos do velhaco. E sobre este cobre, quase sempre emprestado aos tostões, cobrava juros de oito por cento ao mês, um pouco mais do que levava aos que garantiam a dívida com penhores de ouro ou prata.

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação.

O Miranda rebentava de raiva.

— Um cortiço! exclamava ele, possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado!

E vomitava pragas, jurando que havia de vingar-se, e protestando aos berros contra o pó que lhe invadia em ondas as salas, e contra o infernal baralho dos pedreiros e carpinteiros que levavam a martelar de sol a sol.

O que aliás não impediu que as casinhas continuassem a surgir, uma após outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali a fora, desde a venda até quase ao morro, e depois dobrassem para o lado do Miranda e avançassem sobre o quintal deste, que parecia ameaçado por aquela serpente de pedra e cal.

O Miranda mandou logo levantar o muro.

Nada! aquele demônio era capaz de invadir-lhe a casa até a sala de visitas!

E os quartos do cortiço pararam enfim de encontro ao muro do negociante, formando com a continuação da casa deste um grande quadrilongo, espécie de pátio de quartel, onde podia formar um batalhão.

Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia:

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”.

As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar.

Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los.

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e e multiplicar-se como larvas no esterco.

(...)

Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

Comentário:

- Surgimento do cortiço, narrado em detalhes. Repare que o tempo verbal predominante é o pretérito imperfeito. A Linguagem assemelha-se, pois, à linguagem científica.
- Relação favorável com o meio: *“Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas*

de bem longe.”

- “E aquilo foi se constituindo uma grande lavanderia (...)”. O termo em destaque assume conotação negativa, nesse caso propiciada pela abundância de água, que tornou o ambiente um local de lavadeiras (em nossa cultura, esse termo é usado para se referir a fofocas). Esse é o ponto crucial em que se apóia o romance: o ambiente deturpando as pessoas (determinismo).
- O nome do livro aponta para um aspecto fundamental: o cortiço não é apenas o espaço onde se desenvolve a história. Em função de sua importância, ele é considerado também um personagem. Observe sua descrição negativa: “*E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.*” Essa é a “Estalagem São Romão”.
- Como quer revelar aspectos repulsivos da sociedade, os escritores naturalistas detêm-se na análise das camadas populares, enfatizando os ambientes coletivos e pobres, mostrando que as pessoas agem sem ética ou porque são pobres ou porque pertencem a uma raça inferior.

Texto 2

Capítulo VII

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brincado para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que já tinha junto para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão. Quando deram fé estavam amigos.

Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

João Romão comprou, então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza.

(...)

Comentário:

- Esse trecho descreve a origem da relação entre a negra Bertoleza e o português João Romão, enfatizando os interesses de ambas as partes: ele, desejava o dinheiro dela para pôr em prática seus planos de enriquecimento; ela, ambicionava um homem branco.

“Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais”

“Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza

não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.”

- João Romão engana a mulher, afirmando que comprou sua carta de alforria. Ela confia cegamente nele. No entanto, dedica-se “ao seu homem” trabalhando como uma escrava.

Nem João Romão nem Bertoleza, segundo o Naturalismo, podem ser considerados “pessoas más” (maniqueísmo). Eles apenas agem movidos pelas necessidades que o ambiente em que vivem lhes impõem e, para sobreviverem, têm de driblar essas dificuldades seja como for (Determinismo e Darwinismo social). Afinal, só os fortes sobrevivem.

Texto 3

Capítulo I

- Deixa estar, conversava ele na cama com a Bertoleza; deixa estar que ainda lhe hei de entrar pelos fundos da casa, se é que não lhe entre pela frente! Mais cedo ou mais tarde como-lhe, não duas braças, mas seis, oito, todo o quintal e até o próprio sobrado talvez! E dizia isto com uma convicção de quem tudo pode e tudo espera da sua perseverança, do seu esforço inquebrantável e da fecundidade prodigiosa do seu dinheiro, dinheiro que só lhe saía das unhas para voltar multiplicado.

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas.”

Comentário:

- Na descrição de João Romão, fica claro o psicofisiologismo (descrição física que evidencia aspectos psicológicos): os adjetivos utilizados e narração de suas atitudes mostram a sua personalidade sovina, tão extrema que é comparada a uma doença.

“E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados(...)”

- A “febre de possuir”, “a moléstia nervosa” etc. relacionam-se ao patologismo, procedimento caro aos naturalistas que significa relacionar comportamentos a doenças (obviamente, tais enfermidades são adquiridas no ambiente em que vivem).

Texto 4

Capítulo XVI

Ela ergueu-se finalmente, foi lá fora ao capinzal, pôs-se a andar agitada, falando sozinha, a gesticular forte. E nos seus movimentos de desespero, quando levantava para o céu os punhos fechados, dir-se-ia que não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Parecia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não.

E maldizia soluçando a hora em que saíra da sua terra; essa boa terra cansada, velha como que enferma; essa boa terra tranquila, sem sobressaltos nem desvarios de juventude. Sim, lá os campos eram frios e melancólicos, de um verde alourado e quieto, e não ardentes e esmeraldinos e afogados em tanto sol e em tanto perfume como o deste inferno, onde em cada folha que se pisa há debaixo um réptil venenoso, como em cada flor que desabotoa e em cada moscardo que adeja há um vírus de lascívia. Lá, nos saudosos campos da sua terra, não se ouvia em noites de lua clara roncar a onça e o maracajá, nem pela manhã, ao romper do dia, rilhava o bando truculento das queixadas; lá não varava pelas florestas a anta feia e terrível, quebrando árvores; lá a sucuruju não

chocalhava a sua campainha fúnebre, anunciando a morte, nem a coral esperava traidora o viajante descuidado para lhe dar o bote certo e decisivo; lá o seu homem não seria anavalhado pelo ciúme de um capoeira; lá Jerônimo seria ainda o mesmo esposo casto, silencioso e meigo; seria o mesmo lavrador triste e contemplativo, como o gado que à tarde levanta para o céu de opala o seu olhar humilde, compungido e bíblico.

Maldita a hora em que ela veio! Maldita! Mil vezes maldita!

Comentário:

- Piedade, que antes formava com Jerônimo um casal invejável, honestos e felizes, perde seu marido para a negra Rita Baiana. Jerônimo, antes honesto e virtuoso, cede aos ímpetus da mulata e é corrompido pelo meio.
- Ela credita a culpa dessa infidelidade ao ambiente brasileiro, pois um calor intenso teria mexido com a cabeça de Jerônimo. Se no Romantismo a natureza era acolhedora, no Naturalismo ela é culpada pelos males do mundo:

“dir-se-ia que não era contra o marido que se revoltava, mas sim contra aquela amaldiçoada luz alucinadora, contra aquele sol crapuloso, que fazia ferver o sangue aos homens e metia-lhes no corpo luxúrias de bode. Parecia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não.”

Em sua terra, tudo seria diferente:

“Lá, nos saudosos campos da sua terra, não se ouvia em noites de lua clara roncar a onça e o maracajá, nem pela manhã, ao romper do dia, rilhava o bando truculento das queixadas; lá não varava pelas florestas a anta feia e terrível, quebrando árvores; lá a sucuruju não chocalhava a sua campainha fúnebre, anunciando a morte, nem a coral esperava traidora o viajante descuidado para lhe dar o bote certo e decisivo; lá o seu homem não seria anavalhado pelo ciúme de um capoeira; lá Jerônimo seria ainda o mesmo esposo casto, silencioso e meigo; seria o mesmo lavrador triste e contemplativo (...)

- O amor é carnal, sexualizado; não há sentimentalismos. Além disso, há zoomorfização: o homem é desprovido de razão, age por instinto, como se fosse um animal: “luxúrias de bode”

Texto 5

Capítulo XXIII

À porta de uma confeitaria da Rua do Ouvidor, João Romão, apurado num fato novo de casimira clara, esperava pela família do Miranda, que nesse dia andava em compras.

Eram duas horas da tarde e um grande movimento fazia-se ali. O tempo estava magnífico; sentia-se pouco calor. Gente entrava e saía, a passo frouxo, da Casa Pascoal. Lá dentro janotas estacionavam de pé, soprando o fumo dos charutos, à espera que desocupassem uma das mesinhas de mármore preto; grupos de senhoras, vestidas de seda, faziam lanche com vinho do Porto. Respirava-se um cheiro agradável de essências e vinagres aromáticos; havia um rumor quente e garrido, mas bem-educado; namorava-se forte, mas com disfarce, furtando-se olhares no complicado encontro dos espelhos; homens bebiam ao balcão e outros conversavam, comendo empadinhas junto às estufas; algumas pessoas liam já os primeiros jornais da tarde; serventes, muito atarefados, despachavam compras de doces e biscoitos e faziam, sem descansar, pacotes de papel de cor, que os compradores levavam pendurados num dedo. Ao fundo, de um dos lados do salão, aviavam-se grandes encomendas de banquetes para essa noite, traziam-se lá de dentro, já prontas, torres e castelos de balas e trouxas d'ovos e imponentes peças de cozinha caprichosamente enfeitadas; criados desciam das prateleiras as enormes baixelas de metal branco, que os companheiros iam embalando em caixões com papel fino picado. Os empregados das secretarias públicas vinham tomar o seu vermute com sifão; repórteres insinuavam-se por entre os grupos dos jornalistas e dos políticos, com o chapéu à ré, ávidos de notícias, uma curiosidade indiscreta nos olhos. João Romão, sem deixar a porta, apoiado no seu guarda-chuva de cabo de marfim, recebia cumprimentos de quem passava na rua; alguns paravam para lhe falar. Ele tinha sorrisos e oferecimentos para todos os lados; e consultava o relógio de vez em quando.

Mas a família do Barão surgiu afinal. Zulmira vinha na frente, com um vestido cor de palha justo ao corpo, muito elegante no seu tipo de fluminense pálida e nervosa; logo depois Dona Estela, grave, toda de negro, passo firme e ar severo de quem se orgulha das suas virtudes e do bom cumprimento dos seus deveres. O Miranda acompanhava-as de sobrecasaca, fitinha ao peito, o colarinho até ao queixo, botas de verniz, chapéu alto e bigode cuidadosamente raspado. Ao darem com João Romão, ele sorriu e Zulmira também; só Dona Estela conservou inalterável a sua fria máscara de mulher que não dá verdadeira importância senão a si mesma.

O ex-taverneiro e futuro visconde foi, todavia, ao encontro deles, cheio de solicitude, descobrindo-se desde logo e convidando-os com empenho a que tomassem alguma coisa. (...)

— O homem vai hoje, sabe? Está tudo combinado!

— Ah! vai? perguntou João Romão com interesse, estacando no meio do largo. Ora graças! Já não é sem tempo!

— *Sem tempo! Pois olhe, meu amigo, que tenho suado o topete! Foi uma campanha!*

— *Há que tempo já tratamos disto!...*

— *Mas que quer você, se o homem não aparecia?... Estava fora! Escrevi-lhe várias vezes, como sabe, e só agora consegui pilhá-lo. Fui também à polícia duas vezes e já lá voltei hoje; ficou tudo pronto! mas você deve estar em casa para entregar a crioula quando eles lá se apresentarem...*

— *Isso é que seria bom se se pudesse dispensar... Desejava não estar presente...*

— *Ora essa! Então com quem se entendem eles?... Não! tenha paciência! é preciso que você lá esteja!*

— *Você podia fazer as minhas vezes...*

— *Pior! Assim não arranjamos nada! Qualquer dúvida pode entornar o caldo! É melhor fazer as coisas bem feitas. Que diabo lhe custa isto?... Os homenzinhos chegam, reclamam a escrava em nome da lei, e você a entrega — pronto! Fica livre dela para sempre, e daqui a dias estoura o champanha do casório! Hein, não lhe parece?*

— *Mas...*

— *Ela há de choramingar, fazer lamúrias e coisas, mas você põe-se duro e deixe-a seguir lá o seu destino!... Bolas! não foi você que a fez negra!... (...)*

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— *É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!*

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca! trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Comentário:

- No capítulo final do livro, é importante destacar dois fatos: a mudança na aparência e no comportamento de João Romão e o fim trágico de Bertoleza.
- Contrastando com sua definição anterior, João Romão, que se tornará visconde, tem agora outra aparência:

“À porta de uma confeitaria da Rua do Ouvidor, João Romão, apurado num fato novo de casimira clara, esperava pela família do Miranda, que nesse dia andava em compras.”

- Essa mudança física aponta uma transformação também no seu jeito de se portar, agora educado, sem o desejo de possuir, uma vez que já alcançou seu intento.

“O ex-taverneiro e futuro visconde foi, todavia, ao encontro deles, cheio de solicitude, descobrindo-se desde logo e convidando-os com empenho a que tomassem alguma coisa.”

- Tais mudanças motivaram-se pelo desejo de ser aceito na sociedade, pois só o dinheiro já não lhe bastava. A união com Zulmira, filha de Miranda, exigia que ele repaginasse seu visual e seus modos. Miranda, por sua vez, que antes odiava Romão, também cede às necessidades financeiras e o aceita. Evidentemente, relações de interesse e de aparências, motivadas porque a nova configuração social assim o exige.
- Já Bertoleza acaba morrendo. Indiretamente, por causa do antigo amante, que arma uma situação para que seu antigo dono (ele não a alforriou de fato) a recapture. Não conseguindo suportar a traição e o medo de voltar à condição anterior, ela se suicida.

“Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro. (...) Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.”

- A descrição da cena é bastante emblemática: ela está agachada, mais baixa do que todos os seus algozes, em meio a tripas e escamas de peixe. O cenário destaca a humilhação da personagem.
- A ironia final merece destaque: após a cena chocante da morte de Bertoleza, negra nunca alforriada e sempre explorada por João Romão, ele recebe o diploma de sócio benemérito de uma comissão de abolicionistas. É o fim do livro e do cortiço, que agora, graças à nova condição social de seu dono, chama-se “Vila de São João”.

PASSO 3: O NATURALISMO HOJE

Dando continuidade à proposta do primeiro ciclo deste bimestre, julgamos importante que o professor dedique um momento de seu planejamento para analisar a relação entre os estilos literários e a contemporaneidade. Então, selecionamos, a seguir, alguns links que podem ser muito úteis para demonstrar aos alunos a atualidade dos romances naturalistas.

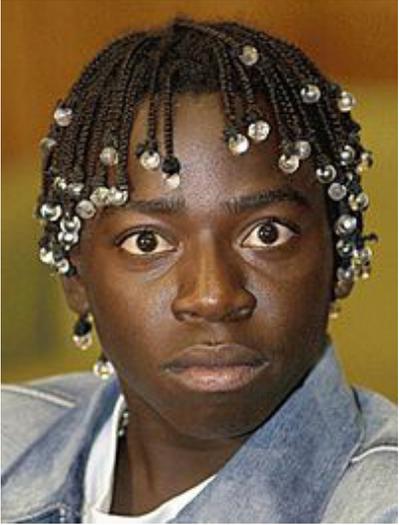
O professor pode, ainda, mostrar aos alunos algumas obras que lidam com as situações de miséria social de uma forma diferente da proposta naturalista. Enquanto para o estilo de época, o meio condicionava o homem, contemporaneamente, o homem age e trabalha para modificar a si mesmo em busca da igualdade de direitos e oportunidades. O meio, sem dúvida, é uma poderosa influência, mas não define caráter ou sentença destinos. Seguem algumas dicas.

MANIFESTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

“Quarto de despejo”⁷

Escrito em 1960 por Carolina Maria de Jesus, a narrativa, em forma de diário, conta o dia a dia de sua autora, moradora da favela do Canindé, em São Paulo. A obra tornou-se um marco na dita literatura marginal e referência para os Estudos Culturais no Brasil.

⁷ Uma análise bastante completa da obra “Quarto de despejo” pode ser encontrada em http://www.seara.uneb.br/sumario/arquivos_pdf/zildafreitas.pdf. Para um resumo mais breve, o professor pode acessar o site http://www.netsaber.com.br/resumos/ver_resumo_c_3797.html

<p>“Cidade de Deus”⁸</p> <p>O livro escrito por Paulo Lins aborda o surgimento e crescimento de uma comunidade que se tornou conhecida por vários episódios de violência. A obra originou o filme homônimo e também serviu de inspiração para a série de TV “Cidade dos homens”.</p> <p>No filme “Cidade de Deus”, o ator Douglas Silva (foto ao lado) interpretou o papel do violento Zé Pequeno quando criança.</p>	 <p>9</p>
<p>“Cidade dos homens”¹⁰</p> <p>Há o filme de 2007 e a série exibida pela Globo em 2005. Trata-se da narrativa da trajetória dos amigos Acerola e Laranjinha, moradores de comunidades.</p>	 <p>11</p>

⁸ Para saber mais: <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/literatura/cidade-deus-resumo-obra-paulo-lins-698969.shtml>

⁹ Imagem disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brazil.DouglasSilva.01.jpg>

¹⁰ Para saber mais: <http://cinema.sapo.pt/filme/cidade-dos-homens>

¹¹ Imagem disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_dos_Homens_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_dos_Homens_(filme))

<p>O cenário musical</p> <p>A música também reflete criticamente sobre a vida, aliando a arte às questões sociais. O professor pode abordar artistas como <i>Racionais MC's</i>, <i>Marcelo D2</i>, <i>O Rappa</i> etc.</p>	 <p>12</p>
<p>Expressões populares no teatro</p> <p>Grupos como o “Nós do morro” desempenham um trabalho consistente de promoção da cidadania e da cultura em algumas comunidades cariocas. Alguns jovens que começaram neste grupo já se tornaram artistas conhecidos em todo o país. É o caso, por exemplo, de Thiago Martins.</p>	 <p>13</p>

Ao final desta sequência, espera-se que o aluno seja capaz de reconhecer o contexto sócio-cultural em que se desenvolveram as produções naturalistas, o que pode ser observado a partir da compreensão das correntes filosóficas que influenciaram a prosa dessa tendência. Além disso, é importante verificar se o aluno consegue identificar as marcas que respondem pelas opções estilísticas do autor e como tais opções refletem a estética em análise.

¹² Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcelo_D2

¹³ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Thiago_Martins

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: O ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Esta sequência apresenta o artigo de divulgação científica, sua estrutura e seus traços mais característicos. O gênero, fundamental para a exposição do trabalho dos cientistas, tem uma importante função social, precisando ser claro o bastante para o maior público possível. O desenvolvimento desta sequência também visa contribuir para a atividade de produção textual deste ciclo, em que os alunos precisarão elaborar o seu próprio artigo.

Eixo Leitura

- *Diferenciar tese, argumentos e contra-argumentos para a estruturação e defesa do ponto de vista*

Eixo Uso da Língua

- *Reconhecer os recursos linguísticos de escolha vocabular e citação de fontes como tipos de argumentos, para artigo científico*

Eixo Produção Textual

- *Produzir um artigo de divulgação científica, pautando-se nos conhecimentos adquiridos*

PASSO 1: OBSERVANDO A ORGANIZAÇÃO DE UM ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O artigo de divulgação científica destina-se à exposição de pesquisas, procedimentos e descobertas da ciência. O conteúdo dos textos desse gênero, no entanto, não é apresentado apenas para o público especializado. Um dos grandes objetivos desses artigos é disseminar o conhecimento para um público mais amplo e diversificado. Por isso, é notável o emprego de uma linguagem acessível, no intuito de se estabelecer um diálogo com leitores não cientistas.

Para iniciar a abordagem com a turma, o professor pode selecionar um exemplo e, a partir dele, destacar os traços mais marcantes do gênero. É importante mostrar aos alunos que geralmente se emprega a linguagem padrão, mas, considerando o veículo e o público alvo, o texto pode se valer de linguagem coloquial e, até mesmo, do recurso de interlocução explícita, quando o autor se dirige ao leitor. Além disso, é fundamental chamar a atenção dos alunos para o uso de termos relativos à área de conhecimento do artigo e a citação de fontes, como nomes de pesquisadores, títulos de trabalhos renomados e dados estatísticos. Apesar de se pautar pela clareza, esse gênero precisa conquistar credibilidade e, por isso, esses dados que conferem autoridade ao discurso são tão importantes.

Vale ainda mencionar que, embora nem todo artigo de divulgação científica se estruture como um texto argumentativo ou apresente longas sequências argumentativas, é comum haver a defesa de uma tese.

Para esclarecer melhor esses traços, é válido indicá-los a partir do texto, como segue:

A genética fracassou?

Escrever o manual de instruções de uma pessoa. Esse era o objetivo dos cientistas que começaram a mapear e sequenciar o genoma humano, em 1990. Um trabalho duro. A chave para desvendar nosso corpo estava em um código formado por milhares de genes, cada um deles com uma função definida - e completamente desconhecida. Com um mutirão de cientistas e computadores potentes, no entanto, o mundo achou que chegara a hora de entender tudo: por que ficamos doentes, nascemos com cabelos lisos ou crespos, sentimos mais ou menos dor do que os amigos. Entender por que uma pessoa funciona do jeito que funciona.

Seria uma obra revolucionária para a saúde do homem. Saberíamos com antecedência que doenças nos afetariam no futuro. Desligando genes que causam disfunções e ligando aqueles responsáveis pelo conserto, seria mínimo o risco de sofrermos de males hereditários. Acreditando nisso, o mundo comemorou quando o mapeamento do genoma humano foi apresentado em 2000, quase completo. Em coisa de 10 anos, diziam os líderes do projeto, viveríamos melhor. E mais.

Os 10 anos se passaram e o que foi prometido não aconteceu. Seu médico, leitor, ainda não sabe por que exatamente o câncer afeta pessoas saudáveis de repente. Nem

prescreve remédios feitos só para você, de acordo com seu genoma. Mas por que a pesquisa genética fracassou em suas promessas? E uma pergunta mais importante: ainda tem chance de dar certo?

Promessa 1

Doenças desvendadas

Se tudo tivesse saído como imaginado, o Projeto Genoma teria desvendado a causa de doenças graves, como diabetes e câncer. O resultado do trabalho seria um manual mesmo: "Os genes BRCA1 e BRCA2 são responsáveis por suprimir tumores. Em caso de mau funcionamento, podem causar câncer de mama". De posse desse "livro da vida" (termo que os cientistas usavam), médicos saberiam exatamente como nos curar de doenças. E como evitar problemas de saúde que surgiriam no futuro.

O mergulho nos dados do genoma mostrou que a história é bem mais complicada. Um gene pode estar ligado à produção de várias proteínas, não de apenas uma. E genes não trabalham sozinhos - interagem uns com os outros, o que resulta em uma nova leva de proteínas (veja mais no quadro à direita). "Ficou claro que há uma complexidade biológica que vai muito além da quantidade de genes que temos no corpo", diz Nicholas Hastie, diretor de genética humana do Conselho de Pesquisas Médicas do Reino Unido, órgão governamental que promove pesquisas médicas. A ideia de que bastaria interferir em um gene para resolver um problema que surgisse caiu por terra.

Na verdade, ela até ficou de pé, mas só para doenças mais raras. Essas, sim, são causadas por um único gene. Um exemplo é a doença de Huntington, um distúrbio neurológico que aparece entre os 40 e os 50 anos e provoca movimentos involuntários de algumas partes do corpo, como braços e pernas. Com um exame simples de sangue, é possível saber com precisão se alguém vai ou não ter o problema.

Para o resto das doenças, no entanto, é bem mais difícil encontrar uma resposta exata. No caso da obesidade, cientistas já descobriram 40 genes com alguma culpa no cartório. E esse número equivale a apenas 10% dos responsáveis genéticos pelo problema. Ainda é preciso correr atrás dos outros 90%.

Promessa 2

Remédios personalizados

O Projeto Genoma despertou tanta euforia que os cientistas concluíram que logo teríamos um remédio para cada gene ou mutação genética capaz de gerar doenças em nosso corpo. Poderíamos até nos prevenir com vacinas personalizadas. E recorrer a uma espécie de transplante de DNA, por meio de mudanças no genoma.

Ainda que não tenham conseguido desvendar as nossas doenças, os cientistas já conseguiram desenvolver drogas específicas para pessoas que possuem mutações. Um exemplo é o Herceptin, lançado pelo laboratório Roche para pacientes com câncer de mama. O remédio funciona só com quem tem uma certa proteína que aumenta a agressividade do câncer. (No Brasil, a droga é distribuída pelo Instituto Nacional do Câncer e por hospitais públicos de Rio de Janeiro e São Paulo.)

É um dos avanços já garantidos pela ciência. Se ainda não dá para montar o quebra-cabeça completo das doenças, pelo menos já encontramos algumas peças. E podemos usá-las a nosso favor. É o que tem feito Sergey Brin, um dos fundadores do Google. Em 2004, ele descobriu que tem uma mutação no gene LRRK2, relacionada à doença de Parkinson. Brin não sabe se desenvolverá a doença. O risco está entre 20 e 80%, o que o coloca numa desconfortável posição entre "fique tranquilo" e "corra para o hospital". Mas ele já começou a trabalhar com o que pode. Aderiu a bebidas com cafeína e exercícios físicos, fatores que previnem contra o Parkinson segundo estudos. "Eu possuo dicas melhores do que qualquer outra pessoa sobre quais doenças podem me atingir no futuro - e tenho décadas para me preparar para isso", escreveu Brin em um blog que criou, em um post de 2008.

"Os testes genéticos permitem que a pessoa tenha mais controle sobre seu futuro", diz Aad Tibben, professor de psicologia da Universidade de Leiden, na Holanda. No caso de Brin, o controle durará décadas. Ele tem 37 anos, e a doença só deve aparecer na velhice, se aparecer. Está aí um dos dilemas éticos que surgiram depois de a euforia baixar. Conhecer a herança genética pode fazer uma pessoa se preocupar por toda a vida com uma doença que pode nem mesmo existir. E inclusive tomar remédios como prevenção, ainda que saudável. "Faz sentido alguém fazer testes para uma doença que só pode aparecer 30 anos depois?", pergunta Raskin, da Sociedade Brasileira de Medicina Genética.

Promessa 3 Fama e fortuna

2000 foi o grande ano da biotecnologia. Com o anúncio de que o genoma estava quase mapeado, investidores colocaram US\$ 39,9 bilhões nas companhias do setor - até hoje um recorde. Só nos EUA, o investimento saltou de US\$ 8,8 bilhões em 1999 para US\$ 32,7 bilhões em 2000.

Nem cientistas nem investidores sabiam naquela época, mas estava se formando uma bolha. "Muitos tinham grandes expectativas sobre as aplicações comerciais dos medicamentos que apareceriam depois do mapeamento e sequenciamento do genoma humano", diz Monika Gisler, pesquisadora do Instituto Nacional de Tecnologia de Zurique, na Suíça, que estudou o desenvolvimento da indústria de biotecnologia. O pessoal só não contava com uma possibilidade: a demora em transformar a pesquisa da genética em produtos.

As novas promessas

A primeira década dos anos 2000 foi um choque de realidade para quem apostou tudo na genética. Mas isso não significa que os esforços foram em vão. Não, a genética não fracassou. Só vai dar muito mais trabalho do que se pensava.

Para quem sofre de doenças como Parkinson, Alzheimer e câncer, as perspectivas ainda dependem de pistas: genes e mutações que comprovadamente influenciam nas doenças que nosso organismo sofre. Mas ainda é preciso entender o que os faz agir e como para que possamos criar tratamentos certos. Para chegar a essas respostas, institutos no mundo todo pretendem sequenciar o genoma de milhares de pessoas. É o crowdsourcing da genética.

Os custos para sequenciar DNA têm caído graças a novos métodos e ao avanço na tecnologia. O trabalho, que custou US\$ 300 milhões a Craig Venter, já era feito por US\$ 60 mil em 2009. "Com as tecnologias que têm aparecido, muitas pessoas em países desenvolvidos poderão sequenciar seu genoma dentro de 5 ou 10 anos", diz John Sulston, Prêmio Nobel de Medicina em 2002 e uma das lideranças do Projeto Genoma no Reino Unido. Esse sequenciamento em massa é decisivo para a ciência. Como sabemos que doenças graves não são causadas por um único gene, precisamos da comparação entre vários genomas para encontrar padrões entre eles. Assim, saberemos o que há de comum entre todas as pessoas que possuem diabetes, por exemplo.

João Vito Cinquepalmi

(<http://super.abril.com.br/ciencia/genetica-fracassou-598852.shtml> - fragmento adaptado)

A partir do exemplo, é possível destacar:

- a. **A tese defendida pelo autor** – Depois de uma breve contextualização, o autor apresenta sua tese acerca do avanço da ciência com relação às pesquisas em torno do código genético humano. Na verdade, o autor questiona esse avanço, ao apontar como frustradas as expectativas da ciência sobre o tema. Em sua síntese, temos:

<i>“Os 10 anos se passaram e o que foi prometido não aconteceu.”</i>	3º parágrafo
--	---------------------

- b. **Os argumentos apresentados** – Todos os dados trazidos pelo autor para justificar sua tese correspondem aos argumentos que utilizou e, no caso deste texto, não foram poucos. Ainda no parágrafo em que apresenta o que vem a ser sua tese, o autor recorre a imagens simples e cotidianas, familiares ao leitor que, ao mesmo tempo em que envolvem, convencem o público do que foi declarado.
- c.

<i>“Seu médico, leitor, ainda não sabe por que exatamente o câncer afeta pessoas saudáveis de repente. Nem prescreve remédios feitos só para você, de acordo com seu genoma.”</i>	3º parágrafo
---	---------------------

Além desses, quase todo restante do texto se organiza em torno de três argumentos, com cada um se referindo à quebra de uma promessa científica. A primeira delas é a promessa das doenças desvendadas, a segunda é a dos remédios personalizados e a terceira diz respeito à fama e à fortuna. Para cada uma, são comentados dados e depoimentos que permitem a sustentação do que o autor pretende mostrar, ou seja, que tais promessas não foram cumpridas e, por isso, a pergunta do título faz sentido.

- c. **Citação de fontes como tipos de argumentos** – As informações presentes dão credibilidade ao texto e reforçam o posicionamento do autor, conferindo força a sua tese e aos seus argumentos. Essas citações podem compreender nomes de cientistas ou institutos de pesquisa, títulos de trabalhos acadêmicos, recortes de falas de pesquisadores de prestígio, dados estatísticos entre outros. Há alguns casos no texto em foco.

<p><i>“Ficou claro que há uma complexidade biológica que vai muito além da quantidade de genes que temos no corpo”, diz Nicholas Hastie, diretor de genética humana do Conselho de Pesquisas Médicas do Reino Unido, órgão governamental que promove pesquisas médicas.”</i></p>	<p>5° parágrafo</p>
<p><i>“cientistas já descobriram 40 genes com alguma culpa no cartório. E esse número equivale a apenas 10% dos responsáveis genéticos pelo problema. Ainda é preciso correr atrás dos outros 90%.”</i></p>	<p>7° parágrafo</p>
<p><i>“Os testes genéticos permitem que a pessoa tenha mais controle sobre seu futuro”, diz Aad Tibben, professor de psicologia da Universidade de Leiden, na Holanda.”</i></p>	<p>11° parágrafo</p>
<p><i>“Muitos tinham grandes expectativas sobre as aplicações comerciais dos medicamentos que apareceriam depois do mapeamento e sequenciamento do genoma humano”, diz Monika Gisler, pesquisadora do Instituto Nacional de Tecnologia de Zurique, na Suíça, que estudou o desenvolvimento da indústria de biotecnologia.”</i></p>	<p>13° parágrafo</p>
<p><i>“Com as tecnologias que têm aparecido, muitas pessoas em países desenvolvidos poderão sequenciar seu genoma dentro de 5 ou 10 anos”, diz John Sulston, Prêmio Nobel de Medicina em 2002 e uma das lideranças do Projeto Genoma no Reino Unido.”</i></p>	<p>16° parágrafo</p>

- d. **Contra-argumentação** – Sempre que um argumento é rebatido, total ou parcialmente, verifica-se um processo de contra-argumentação. Isso pode ocorrer porque o próprio texto incorporou a polêmica que gira em torno de seu tema, ou porque o texto revela outras facetas ou possibilidades do assunto tratado.

É possível mostrar um exemplo no texto em análise. Ao abordar a quebra da primeira promessa, relativa à descoberta de doenças, o autor diz: “A ideia de que bastaria interferir em um gene para resolver um problema que surgisse caiu por terra.” No parágrafo seguinte, porém, ele diz:

<p><i>“Na verdade, ela até ficou de pé, mas só para doenças mais raras. Essas, sim, são causadas por um único gene. Um exemplo é a doença de Huntington, um distúrbio neurológico que aparece entre os 40 e os 50 anos e provoca movimentos involuntários de algumas partes do corpo, como braços e pernas. Com um exame simples de sangue, é possível saber com precisão se alguém vai ou não ter o problema.”</i></p>	<p>6º parágrafo</p>
---	----------------------------

Essa informação entra em choque com o argumento da quebra da primeira promessa, de que o projeto genoma permitiria a descoberta da causa de doenças. Portanto, de acordo com o trecho destacado, a promessa teria sido mantida. No entanto, ao diferenciar doenças simples de doenças mais complexas como o diabetes, o câncer e até a obesidade, fica claro que a ciência ainda precisa avançar mais, visto que a causa desses males não está num único gene. Sendo assim, o autor não tem seu argumento invalidado, apenas relativizado.

Além desses traços, convém destacar o cuidado com a seleção dos vocábulos empregados nos exemplares do gênero. Como dizem respeito a áreas de conhecimento muito específicas, é comum localizarmos termos de uso pouco corrente fora daquele contexto. No caso do texto analisado, observamos nomes de várias doenças, algumas bem pouco conhecidas, identificação de genes, como “BRCA1” e “BRCA2”, além de outras expressões comuns à área da biologia, como “DNA”, “sequenciamento do genoma”, “biotecnologia”, “crowdsourcing da genética” etc.

PASSO 2: PRODUZINDO UM ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Para iniciar este passo, o professor pode mostrar aos alunos um resumo do livro “Pequeno Manual de Divulgação Científica”, de Cássio Leite Vieira. Elaborado pelo próprio autor, o resumo¹⁴ contempla os aspectos mais relevantes para a escrita de um texto claro e objetivo. Entre as dicas de Vieira estão o uso de analogias para facilitar o entendimento do leitor sobre certos conceitos científicos, a importância da precisão e do uso de boxes para trechos mais técnicos ou complexos. Além disso, há sugestões de parágrafos curtos e de uso de imagens. Todas as dicas podem e devem ser seguidas pelos alunos na produção de seu próprio artigo. No mais, convém observar os elementos estruturais observados no passo anterior e explorados no Roteiro de Atividades deste ciclo.

Em seguida, é hora de definir o tema e partir para a pesquisa. Mas que temas podem ser trabalhados? Como motivar os alunos a pesquisar para o desenvolvimento de seus próprios textos? Em nosso Roteiro de Atividades, a proposta é refletir sobre as implicações éticas do mapeamento genético humano.

A partir da abordagem do Naturalismo neste ciclo, os alunos puderam entrar em contato com teorias científicas que, por estarem comprometidas ideologicamente, atenderam a interesses discriminatórios. Para atualizar a discussão em torno do tema do preconceito e da ciência, pode ser bastante oportuno pensar sobre o projeto genoma e a utilização desse conhecimento no futuro.

¹⁴ O resumo pode ser acessado pelo link:
www.ufpi.br/subsiteFiles/ppgaarq/arquivos/files/DICAS02.doc.

Para motivar os alunos, o professor pode exibir um pequeno trecho¹⁵ do início do filme “Gattaca – experiência genética”¹⁶ (1997). Essa passagem mostra o nascimento do protagonista numa época em que, com uma única gota de sangue, é possível identificar as probabilidades de doenças e a expectativa de vida. O personagem de Vincent é considerado inválido porque não contou com a manipulação genética e, portanto, não teve como eliminar os genes que potencialmente lhe trariam enfermidades.

Na sequência, o professor pode mostrar outro pequeno trecho¹⁷ do filme, que revela o modo como Vincent, apesar de suas limitações genéticas, conseguirá driblar a rígida fiscalização e lutar pelos seus sonhos.

Finalmente, vale promover um debate com a turma. O professor pode começar mostrando como o filme é atual. Embora, nem todas as promessas do projeto genoma tenham sido cumpridas, como mostra o texto que nos serviu de exemplo nesta OP, o mapeamento genético continua avançando. Por isso, todos sabem que o filme não parece absurdo ou demasiado distante. É válido, então, pensar de que forma esse conhecimento pode ser utilizado sem promover desigualdades ou estimular preconceitos.

¹⁵ O vídeo está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=5kU-oTj1jqo>

¹⁶ Para mais informações sobre o filme, vale conferir: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-17079/> para dados sobre o filme;

<http://tvig.ig.com.br/cinema/making-of/critica-do-filme-gattaca-1997-8a49802c2b4a9df2012b4badc7b12124>

http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/atual_cie.aspx?cod=752 para comentários críticos.

¹⁷ O vídeo pode ser acessado pelo link:

http://www.youtube.com/watch?v=_j8fYQlnl2o&list=UUr2k92fty41fPDTgXNPUQJA&index=12

PARA INICIAR A PRODUÇÃO DO ARTIGO	
1º momento	Dicas importantes A leitura do resumo do livro “Pequeno Manual de Divulgação Científica”, de Cássio Leite Vieira
2º momento	Exibição de vídeo 1 Trecho inicial do filme “Gattaca – experiência genética”
3º momento	Exibição de vídeo 2 Trecho do filme “Gattaca” que mostra como o protagonista oculta sua identidade genética
4º momento	Realização de debate Debate com a turma sobre os impactos dos avanços das pesquisas genéticas

A partir do trabalho com esta sequência¹⁸, espera-se que o aluno consiga reconhecer os elementos estruturais básicos e caracterizadores do gênero artigo de divulgação científica. Dessa forma, ele será capaz de ler, compreender e localizar informações com facilidade num texto com este perfil. Além disso, a leitura de exemplos ao lado da dinâmica motivadora, com a exibição dos vídeos e debate, será de grande auxílio para o momento de produção textual. No artigo feito pelos alunos, o professor precisa avaliar itens como clareza, objetividade, uso de termos científicos, exploração de imagens e citação de fontes como argumentos.

¹⁸ Para explorar outras possibilidades de sequências didáticas e estimular os alunos na produção deste gênero, são indicadas as leituras dos artigos disponíveis nos seguintes links:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/612-2.pdf> e <http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/GT4%20Artigo%20Adriana%20Campones%20Sociologia%20em%20foco.pdf>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A fim de que você não se limite a essas sugestões e possa ampliar o planejamento de suas aulas e avaliações, listamos e comentamos, a seguir, algumas das mais significativas e acessíveis publicações que podem enriquecer o trabalho com as habilidades focalizadas neste ciclo.

LEITURA

- **Relacionar a literatura realista/naturalista ao contexto sócio-histórico.**
- **Identificar as principais tendências do Naturalismo (positivismo, determinismo e cientificismo).**
- **Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social da época.**
- **Diferenciar tese, argumentos e contra-argumentos para a estruturação e defesa do ponto de vista.**

Livros teóricos:

- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 163-196.

O texto de Alfredo Bosi trata dos aspectos históricos, das correntes ideológicas e das principais características do Realismo e do Naturalismo. Bosi ainda dedica atenção à análise panorâmica, mas consistente, dos autores e obras mais marcantes dos estilos, com destaque para Machado de Assis, representante maior do Realismo brasileiro, e para Aluísio Azevedo, expoente da prosa naturalista.

- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 10ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980. P. 214 – 215

Por meio de uma linguagem mais técnica porém bastante acessível, temos nesse livro a voz de um especialista. Por isso, há uma análise mais detalhada e abrangente, informações que muitas vezes não constam dos livros didáticos.

- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Global, 1997, p.4- 90.

Minuciosamente, o autor aborda o Naturalismo, englobando o sistema de ideias da época, envolvendo o positivismo, o cientificismo e o determinismo, entre outros; a estética e a poética: definição e caracteres; contexto social, histórico e filosófico. Num olhar crítico, o texto mostra os autores, obras e ideais. Por fim, trata do legado do Naturalismo em sua contribuição para o enfraquecimento do convencionalismo romântico.

- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 14 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1988. P 378-381.

Nesta obra o autor reserva um capítulo para tratar da argumentação. Na seção 4.5 trata da argumentação formal, explicando o papel da tese e dos argumentos na elaboração do texto argumentativo.

- OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. **Minimanual compacto de literatura brasileira: teoria e prática**. 1 ed. São Paulo: Rideel, 2003, p.164- 175, 180-205.

Nessa obra, a autora traça um painel sobre o contexto histórico, as características, os autores e as distinções entre Romantismo, Realismo/ Naturalismo, Parnasianismo (poesia). Trata de maneira sucinta do positivismo, evolucionismo, determinismo, socialismo científico e experimentalismo. Transmite a arte essencialmente objetiva da época. Explica a literatura de Aluísio Azevedo com exemplos e comentários e, diretamente, expõe no panorama do romance

naturalista: Inglês de Souza (1853- 1918), Júlio Ribeiro (1845- 1890), Adolfo Caminha (1867- 1897) e Domingos Olímpio (1850- 1906). Depois da abordagem teórica, destacam-se as questões de Vestibular sobre o Naturalismo.

- OLIVEIRA, Jô; GARCEZ, Lucília. **Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais**. 7ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Esta é uma importante obra para aqueles que gostam de estabelecer relações entre a Literatura e as artes visuais. Além de explicar o que é arte, os autores apresentam um capítulo dedicado a evolução da arte e, inevitavelmente, os alunos poderão perceber o vínculo explícito com a Literatura.

- SCARTON, Gilberto. **Guia de produção textual: assim é que se escreve...** Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD,[2002]. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/gpt> >.

Em sua obra, Scarton explica o que são tese, argumentos e estratégias argumentativas, exemplificando seu uso de forma didática a partir de um texto.

Livros didáticos:

- ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARE, Marcela. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.

Ainda que seja um livro didático, sua análise é bastante abrangente, incorporando ao estudo literário informações que vão além da própria literatura e abarcam a leitura de uma maneira geral. Isso ocorre porque esta é uma obra embasada pelas teorias da análise do discurso, que concebe toda e qualquer manifestação da linguagem como uma forma de discurso.

- CEREJA, William Roberto. **Literatura brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995, p.211-221.

De uma forma esclarecedora e didática, o autor aborda o Naturalismo, sugerindo filmes, pinturas e romances para estudo discente. Contextualiza o contexto social e histórico do fim do século XIX, apresenta trechos de romances para leitura e análise das questões, explica as características naturalistas nitidamente. Além disso, destaca dois autores e suas principais obras: "O Ateneu", de Raul Pompeia e "O cortiço", de Aluísio Azevedo.

- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Literatura Brasileira**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1995.

Excelente livro para fonte de consulta. Com uma linguagem bastante simples e didática, seus autores constroem um panorama detalhado de nossa literatura, apresentando o contexto histórico a partir do qual os estilos se desenvolveram bem como suas principais características. Além disso, apresenta, a cada estilo estudado, um texto comentado.

- FIORIN, José Luiz, SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 172- 178, 180- 191, 218- 239, 308- 317.

Entre capítulos elucidativos e pertinentes à prática docente, destacam-se quatro capítulos concernentes à argumentação do artigo de divulgação científica: "Argumentação", "Norma linguística e argumentação (I)", "Norma linguística e argumentação (II)" e "O discurso dissertativo de caráter científico", pois representam uma contribuição referente ao modo de convencer o outro de algum assunto por meio de recursos lógicos e linguísticos. Os capítulos apresentam abordagem teórica, comentários de textos, questões para reflexão e propostas de

redação que vão ao encontro de construção de texto em linguagem formal, reflexão de citações de discurso direto, indireto e indireto-livre e de incentivo à defesa de tese.

USO DA LÍNGUA

- Reconhecer os recursos linguísticos de escolha vocabular e citação de fontes como tipos de argumentos, para artigo científico.

- Reconhecer a carga semântica de afetividade, de crítica ou de ironia no emprego de verbos e adjetivos.

- Identificar o papel argumentativo dos conectores discursivos.

Livros teóricos

- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 20 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

Com muitos exemplos e explicação, a autora transmite o conceito e os mecanismos de coesão referencial e sequencial. No que tange à coesão referencial, podem ser refletidas várias maneiras de retomar um assunto por meio de artigos, pronomes, numerais e advérbios. Em relação à coesão sequencial, podem ser percebidas as funções das recorrências de termos, do paralelismo sintático, da paráfrase, de recursos fonológicos, de tempo e aspecto verbal. Nessa questão sequencial, destaca-se o uso de operadores argumentativos com as conjunções, que contribuem no encadeamento e na construção de sentidos, podendo expressar crenças, opiniões, desejos, mesmo implícitos.

- _____ . **A inter-ação pela linguagem**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Neste livro, destaca-se o capítulo “Linguagem e argumentação” (páginas: 29 até 73), em que o leitor pode compreender melhor, entre outros assuntos, os operadores argumentativos, marcadores de pressuposição, índices de modalidade, indicadores de atitude, índices de avaliação e de domínio. Há uma variedade

textual e de esquemas que facilitam o entendimento das relações lógico-discursivas de enunciados cotidianos e dos marcadores discursivos.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- Produzir um artigo de divulgação científica, pautando-se nos conhecimentos adquiridos.

Livros didáticos

- FIORIN, José Luiz, SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. 16 ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 172- 178, 180- 191, 218- 239, 308- 317.

Neste livro, o capítulo sobre artigo de divulgação científica explica o argumento de autoridade, o apoio na consensualidade, a comprovação pela experiência ou observação e a fundamentação lógica. Em seguida, são apresentados exercícios de interpretação e uma sugestão de elaboração textual, pautada na visão discente perante as leis no convívio em sociedade.